

Mundo em obras

O enviado da Agência Carta Maior ao Fórum Mundial da Reforma Agrária, em Valência, defende que a esquerda não morreu: o mundo permanece em obras e os vampiros das trevas e do obscurantismo ainda têm muito a temer das manhãs, mesmo que tardias

*Flavio Aguilar¹ - Agencia Carta Maior
6 de diciembre de 2004*

As manhãs aqui em Valência acordam tarde. Ao levantarmo-nos, preparando-nos para ir ao local do Fórum Mundial da Reforma Agrária, na Universidade Politécnica, os vampiros retardatários ainda estão recolhendo-se. Alguns saem do bar aqui perto, que sintomaticamente se chama “Sin Perdón”. Só as oito a “aurora dos dedos cor de rosa” começa a aparecer e, assim mesmo, traz esses dedos acinzentados pela chuva e enregelados de frio. Às nove, enquanto escrevo estas linhas, os vampiros foram definitivamente afugentados pela britadeira da obra ao lado.

Outros vampiros rondam este encontro, e ontem foi um dia, o da abertura, dedicado a exorcizá-los. “A maior mentira que o neo-liberalismo pregou”, disse o ministro Miguel Rosseto em sua fala na cerimônia, “foi a de que a esquerda morrerá”. Não garanto a exatidão das palavras, também tratadas na excelente matéria de Marco Aurélio Weissheimer, mas garanto a do sentido. “Não morremos. Estamos aqui”: era o corolário óbvio.

Quem “estamos aqui”? O colorido do encontro é variegado, como em todos esses novos processos abertos a partir dos Fóruns Sociais Mundiais de Porto Alegre e também de Mumbai. Os chapéus coco dos Andes se misturam aos trajes indianos; os paletós ocidentais perdem-se entre os coloridos panos de África.

Há cerca de 600 pessoas presentes ao Fórum, contando os da organização, apoio e imprensa. A maior delegação vem da América Latina: 41 ou 42% do total. A delegação brasileira é grande, reunindo gente do MST, do Movimento Quilombola, da Contag, do Ministério do Desenvolvimento Agrário e outras organizações esparsas. Da Europa vêm 37% (21% da Espanha); da Ásia e da África vem outros 20 %, divididos quase igualmente. Há também representantes dos Estados Unidos e do Canadá, e um solitário viajante da Austrália. Chama-se Ibrahim, é muito jovem, não participa de nenhum movimento pela reforma agrária, mas gosta de viajar e interessou-se pelo tema. Seu propósito agora é conhecer a América do Sul.

Há muita gente de ONGS; eu diria que os representantes de movimentos camponeses, os de organizações não governamentais, e os pesquisadores do tema equilibram-se. Os primeiros são disciplinados até nas manifestações ruidosas, gritando palavras de ordem; os segundos são mais buliçosos, jovens e agitados; os terceiros mais sóbrios, quietos e sisudos.

¹ Flávio Aguiar é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP) e editor da TV Carta Mayor.

Cobertura jornalística realizada com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário do Brasil

Nas falas das primeiras mesas, impressionou muito a de um professor chinês, Zhang Xiaoshan, do Instituto de Investigação sobre a Economia Rural da China. Descreveu as conquistas da reforma agrária chinesa pós-revolucionária; ao mesmo tempo traçou um inquietante panorama da redistribuição hoje da posse da terra naquele país graças ao redesenho provocado pela industrialização e construção civil.

Essa e outras falas corroboraram um aspecto central destacado pelo Ministro Rossetto: o de que, se para a geração dele (e a minha), o campo era caracterizado como lugar do atraso, uma espécie de “passado”, enquanto o futuro pertencia à modernidade urbana, hoje não é mais assim.

O lugar do campo no espaço cultural mudou, portanto: hoje o pertencimento ao campo faz parte da construção do futuro, e em escala mundial, como se vê pelo exemplo chinês, o brasileiro e o de tantos outros países aqui presentes (são cerca de 70). Não há futuro para a humanidade sem o redesenho do sistema de propriedade nos países subdesenvolvidos, ou em crescimento, e sem que isso se reflita também em novos padrões culturais e de consumo em escala mundial.

Por isso, a esquerda não morreu: o mundo permanece “em obras”, a história não morreu, os vampiros das trevas e do obscurantismo ainda têm muito a temer das manhãs, ainda que tardias.